

# Além do patriarcado: a infância e a maternidade em Nietzsche

Leandro Drivet

“No homem autêntico se esconde uma criança: ela quer jogar”  
(Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 106).

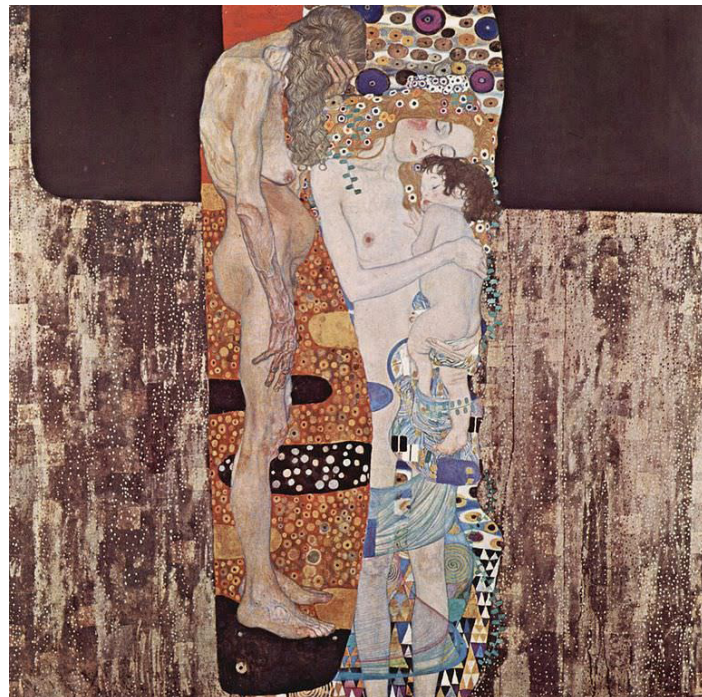


IMAGEM: Gustav Klimt

## Introdução

Nosso intuito com este trabalho é, em primeiro lugar, rastrear alguns traços salientes das concepções tradicionais da infância, especialmente dos mitos que conformam as subjetividades ocidentais. Para isso, recorreremos à Bíblia e à história do cristianismo. Depois, contrastamos a valoração patriarcal e mercantil da infância com a figura da criança no pensamento transvalorador<sup>2</sup> de Nietzsche. Desde seus escritos juvenis, Nietzsche (1872/1994) percebeu o risco do esgotamento da experiência estética (trágica) que alberga desmedida, arrebatamento, êxtase, dança, canto e jogo, sob o despotismo do socratismo estético, uma forma cinza e desapaixonada da maturidade *anestesiada*, adaptada à mediocridade do normal e do esperável. Mas é principalmente em *Assim Falou Zaratustra* que Nietzsche destaca a singularidade criadora da infância (cf. Niemeyer, 2012). Acreditamos que esse texto oferece contribuições significativas para o desenvolvimento de uma perspectiva que tenha, como objeto de estudo específico, o mundo da infância. Concluimos que tal perspectiva, que sublinha a violência contra as crianças, está intimamente ligada ao conceito nietzschiano do “materialismo”.

1 Tradução nossa.

2 Nota da tradutora: trata-se de um termo nietzschiano que se refere à transformação sofrida pelo significado dos conceitos “bom” e “mau”, como resultado da morte de Deus e da chegada do super-homem anunciada pelo autor em seu famoso texto *Assim Falou Zaratustra*.

## Aspectos salientes da infância em nossos mitos fundantes

Para os gregos, *paidós*<sup>3</sup> é ao mesmo tempo criança, filho e escravo, e sua raiz etimológica enfatiza especialmente o vínculo da criança com o pai. Distingue-se da palavra *téknon*, que, derivada de um verbo que significa dar à luz, parir, engendrar, sublinha, sobretudo, o vínculo filial com a mãe. Enquanto *téknon* é uma categoria doméstica, *paidós*, desde o seu início, abrange o âmbito político. É significativo que a raiz indo-europeia de que deriva *paidós* esteja associada ao pequeno, breve, escasso, pouco, insignificante e humilde (Dumé, 2015).

O termo “chico”<sup>4</sup> deriva do latim *ciccum*, que o *Oxford Latin Dictionary* define como “um objeto proverbialmente sem valor” [“A proverbially worthless object”]. A Real Academia Española afirma que a “puerilidade” é própria da criança enquanto uma “coisa de pouca ou insignificante entidade”. A infância não existiu como um objeto de atenção intelectual até Rousseau. No entanto, não sem razão, mas com alguma injustiça, para a modernidade a menoridade é unilateralmente sinônimo de incapacidade<sup>5</sup>. Portanto, é importante recuperar uma perspectiva analítica que contribua para destacar um tipo de violência que não é redutível às desigualdades de classes. Não inteiramente desconhecida, a violência dos adultos sobre as crianças de ambos os sexos se encontra, no que diz respeito à crítica do patriarcado, num segundo plano em relação à contribuição inestimável das abordagens feministas<sup>6</sup>. Não obstante, não é no trabalho adulto (alienado) nem na relação sexual adulta, mas na relação entre adultos e crianças que pode se encontrar o princípio da reprodução da ordem social existente. Como observado pela língua (mesmo por trás da consciência dos falantes), e soube perceber Rozitchner (2011), o ‘mater-ialismo’ começa com a relação da criança com a mãe. Ele se extravai, portanto, com a repressão desse vínculo.

Para contextualizar a importância atual do nosso assunto, é suficiente dar uma olhada na agenda da mídia para perceber a relevância e a atualidade da reivindicação de uma crítica do patriarcado que não se reduza à perspectiva de gênero – que é indispensável: a violência contra as crianças e, especialmente, a violência sexual que continuam a sofrer, sem exclusão de classes, ocupa periodicamente as capas da imprensa internacional, evidenciando a cumplicidade de diferentes setores (assim como da hierarquia) da Igreja Católica e do poder político e financeiro ligado a ela.

---

3 Termo de origem grega que significa criança.

4 Neste contexto, equivalente a menino.

5 Frigerio (2008) tem reconhecido, entre outros filtros ideológicos, o preconceito de classe que nos obriga a falar em plural de “infâncias” e em diferentes formas de ser criança. Na esfera pública contemporânea, “criança” parece ser somente o que pertence a uma classe privilegiada: os pobres são simplesmente “menores”.

6 O corpo das crianças não está usualmente como prioridade entre os *corpos que importam* (cf. Butler, 2008), ainda que seja justo reconhecer que, nas teorias referidas, se encontram ferramentas para tematizar o domínio de que estamos falando.

Além da ininterrupta exploração das crianças como força de trabalho, como simples objetos prontos para a satisfação de impulsos sádicos, como mercadorias, bem como a sua utilização como objetos sexuais, a Argentina acrescenta que encontramos a expropriação da sua identidade por razões ideológicas. Compreende-se rapidamente porque é necessário atentar para um ângulo descuidado da crítica do patriarcado que tem seu centro na necessidade de submeter ao tribunal da razão a violência que não cessa de atualizar-se na relação social específica entre adultos e crianças<sup>7</sup>.

A perspectiva que enfatiza a centralidade dos direitos das crianças é contígua e solidária daquela que defende os direitos dos animais / ambientais / naturais enquanto se ocupa dos direitos dos (ainda) sem voz; ou, como assinala Derrida (2010), daqueles que são supostamente incapazes de dar *respostas*: os seres vivos não humanos e as gerações futuras. O “esquecimento” ou diferimento dos “corpos menores” é um sintoma de longa data vigente em nossa época. Isto pode ser entendido como uma consequência do desrespeito à natureza não humana (Schaeffer, 2009), neste caso, a natureza que (ainda) não se conforma a si mesma, nem é reconhecida pelos outros como sujeito.

O desprezo pelas crianças é uma constante que precede e vai além da moral cristã, mas que esta exerceu exemplarmente. De acordo com Freud (1900/1991, p. 271, grifos nossos), “o destino de Édipo nos comove porque *poderia ter sido o nosso (...)*”. León Rozitchner (2001) argumenta convincentemente que a figura dramática que hoje nos comove desde a infância, sejamos crentes ou não, é Cristo. Cristo sugere desde a cruz que seu destino poderia ser o nosso. Ele representa o filho que morre, segundo dizem-nos, em nome do pai, por rebeldia.

As regras de civilidade começam, como evidenciado por Norbert Elias (1939/1993), tornando os filhos objeto do controle adulto. Eles abrigam simultaneamente espontaneidade e excesso, incapacidade de dissimular, descaramento, “perversão” e irreverência inocente. O aguçado olhar psicológico indica que é na “terna infância” que devem começar os controles, as coerções, o ensino das regras sociais: o pecado, como diz Agostinho (1999), começa lá. Esse corpo – metade mãe e metade animal –, infinito, imprevisível e sedutor *pelo que é e pelo que nos faz lembrar*, devia ser moldado.

O Cristianismo, digamos com ambiguidade freudiana, lidou com *isso*. Nas *Confissões*, Agostinho (1999, p. 23) usa uma pergunta retórica para afirmar que são as crianças que nos mostram “o pecado da infância” que nós não “lembramos”: ter ansiosamente desejado o peito da mãe. O bispo de Hipona sente-se morto de vergonha na frente deste espelho que mal se atreve a olhar para esquecer imediatamente. Rozitchner (2001) supõe, analisando as *Confissões* de Agostinho, que o desprezo cristão pelas crianças é um deslocamento, talvez parte inseparável do mesmo ódio/horror pelo conceito de “*mater*-ialidade”, o qual condensa mãe e matéria. Este caráter ‘*anti-mater*-ialista’ do mito explicaria por que a mãe, no cristianismo, é Virgem, por que concebe “sem pecado”, ou seja, sem prazer, sem gozo carnal, não com um homem (carnal), mas com o seu próprio Pai, e por que essa mãe sensual é deslocada da Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo.

---

7 Referente a isso, cf. Autor, 2010.

Foucault (1987), sem destacá-la especificamente, observa que a definição de “corrupção de menores” desaparece na transformação da hierarquia judaica do pecado carnal sobre a qual escreve Casiano. Esta falta também não é mencionada por São Paulo, que, ainda que a conheça, a esconde, e, portanto, parece ser uma repressão cristã, não judaica. O “impuro” da infância poderia ser sua proximidade com a sensualidade *material*. A interação primária com a mãe, que inunda de sexualidade a mera preservação da vida no sentido adulto-criança (Laplanche, 1987/2001), revela as fantasias inconscientes que o adulto considera como superadas e – sem razão – exclusivas da criança.

Os mitos que organizam a experiência primária da cultura e que lhe dão suas formas autonarrativas e autoteorizantes elementares oferecem modelos, lugares comuns, traços tendenciais de seus membros. Para os gregos antigos, *Eros* teve um aspecto pueril, caprichoso, lúdico e terno, e foi muitas vezes descrito como uma criança. No que diz respeito a nossa tradição de maior sucesso, a Bíblia não é um livro que mostra amor exemplar, respeito ou compreensão particular pelas crianças. “O Sacrifício de Isaque” (Gênesis, 22. 1-19), a famosa passagem que narra o momento em que Deus põe à prova a Abraão exigindo o sacrifício de seu único filho (é verdade que sem a sua consumação), ensina que o corpo da criança pertence ao pai, ou, em todo caso, ao Senhor; numa palavra: ao *Pater*. Mas o simbolismo se enriquece: Le Goff e Truong (2005) apontam que a palavra “Isaac” significa “riso”, o qual, como vindo de baixo, foi associado com o diabo, e, conseqüentemente, afogado, entre os séculos IV a X. Por que ter medo de uma criança rindo? No entanto, o amor (*Eros*, Cupido), questiona Bataille (2007), não é muito mais angustiante precisamente porque faz você rir? Tomás de Aquino lhe atribuirá ao riso um estatuto positivo só por volta do século XII. Nietzsche apontará que Jesus/Cristo nunca ri, e assinalará o poder corrosivo do riso em *Zarathustra*, quando “o mais feio dos homens” mata a Deus rindo (Nietzsche, 1883-1885/2007). Deus é o nome da angústia da criança interior: habita as solenidades, os silêncios, as proibições, as faltas, e não tolera jamais a ridicularização aniquiladora a que pode submetê-lo a *inocente* curiosidade de uma criança.

No *Novo Testamento*, Herodes dá outro exemplo desse longo fio de sangue que conecta a humanidade (pelo menos o seu ramo cristão) através do “sacrifício das primícias”, suspeitosamente ubíquo. Não podem nos satisfazer, pelo contrário, as seguintes palavras de Jesus: “Asseguro-lhe que quem não recebe o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele” (Lucas, 18:17). Nietzsche (1883-1885/2007, IV, “A festa do burro”, p. 419) ensinou a ler nelas a exigência de subordinação, mediocridade (“tornar-se pequeno”, Mateus, 18:4) e renúncia da terra. Arnold Zweig sintetizou este tema doloroso de nossa história antiga numa carta a Freud de 1934: “Parece que as pessoas precisam de tempos em tempos de um símbolo do filho sacrificado” (Freud; Zweig, 2000, p. 134).

Pode-se objetar que aqui conferimos uma prioridade quase exclusiva aos “elementos negativos” sobre a infância presentes nos relatos cristãos. Segundo essa crítica, estaríamos excluindo, ou não valorizando justamente, um Menino-Deus. Embora se possa argumentar que, ao contrário do judaísmo como religião do Pai, o cristianismo é a religião do Filho, e inclusive Deus torna-se criança neste filho, na verdade ele é um



filho destinado a morrer em nome do Pai (e/ou da Virgem Mãe). Além do fato de que é possível encontrar elementos do mito que levam em consideração a infância e se encaminham a cuidar dela, a hipótese de leitura que propomos é a de que as linhas dominantes da doutrina cristã, aparentemente (de forma consciente) purgadas de toda agressão, e mesmo de toda crueldade, apontam explicitamente para uma sacralização do Filho em sentido estrito: fazê-lo sagrado, sacrificando-o. Basta tomar ao pé da letra a palavra sagrada: a criança é o “cordeiro de Deus” (*Agnus Dei*), vítima sacrificial que, com a sua morte, “tira o pecado do mundo”.

Por outro lado, não é lícito reduzir a história à mitologia, mas é notável como os nossos mitos nos lembram que não é conveniente desconhecer os desejos inconscientes dos “pais” (adultos) por seus “filhos”. Nesse sentido, é fundamental lembrar que, para a mitologia grega, o destino mortal de Laio foi determinado a partir do dia em que, como preceptor, agrediu sexualmente a Crísipo, filho do rei Pélope (Monzón, 2009). Essa história – que, de acordo com as palavras de Freud, estremece-nos desde pequenos e invade nossos sentidos sob um halo de mistério e de secreta admiração adulta – tem como antecedente – menos conhecido – um caso de violência sexual infantil (que culmina no suicídio da vítima). Somos tão herdeiros dessa dissimulação como da descoberta a que se permite Édipo e de que Freud faz conceito.

Tendo em conta estes elementos de análise, espera-se que o autoproclamado “Anticristo” possa dar origem a uma transvaloração da paidofobia<sup>8</sup> das religiões pré-modernas, e um questionamento do conceito de infância na primeira modernidade.

## Transvaloração nietzschiana da infância

Na paródia do cristianismo intitulada *Assim Falou Zaratustra*, a criança é um dos protagonistas. Isto é significativo no contexto do programa nietzschiano de transvaloração de todos os valores. Longe de ser apenas a representação do ainda-não-adulto, do ainda-não-maior-de-idade, de acordo com Nietzsche (1883-1885/2007, p. 51) “a criança é inocência, e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda que se move sozinha, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim”. No discurso “Das três transformações” (Ibid., p. 49-51), o espírito deve transformar-se em camelo para aprender a suportar as cargas; em seguida em leão, para romper com a obrigação imposta de fora e contra si mesmo; finalmente, é necessário que o leão se torne criança, pois ela é capaz de fazer algo que o feroz leão não pode: criar o novo. A criança é o verdadeiro ateu, a encarnação de uma nova inocência. Em “A hora mais silenciosa” (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 214), Zaratustra diz:

Então, algo me falou novamente sem voz: “Você tem que tornar-se ainda uma criança e não ter vergonha. [...] O orgulho da juventude ainda está em você, você se tornou jovem tarde, mas aquele que quer se tornar uma criança deve superar até mesmo a sua juventude”.

---

8 Nota da tradutora: Medo de crianças

O profeta do super-homem chama a abandonar o *infantilismo* (psíquico) que nos mantém atados aos tutores que procuram substituir a nossa consciência moral, mas isso não significa abandonar a infância absolutamente. A liberdade está associada com a superação da dívida/culpa e da vergonha. A criança é o criador rindo (Eros), por isso não é aconselhável associá-lo com a vítima do desrespeito sacerdotal denunciado mais tarde, quando Zaratustra fala “Das velhas e novas tábuas”: “O criador é o mais odiado” (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 293). O ódio ao criador é o ápice do desprezo daqueles que acham que são os bons e os justos. A criação não admite mesquinhez: apenas na medida em que se é capaz de dar, ou seja, de dar a si próprio sem esperar um retorno, que Zaratustra considera admissível ter uma criança. Acontece que, como toda a criação, é difícil *pro-criar*. Zaratustra parece nos dizer que a maioria das pessoas apenas se *reproduzem*, no sentido de que buscam produzir a si mesmas novamente: seus gostos, seus hábitos e seus pensamentos. E assim, em vez de *pro-criar*, repete-se. Moldar as crianças à imagem e semelhança do guia é a tentação a que Deus não pode resistir, e a que só dificilmente resistem os pais, professores, líderes e analistas. A tentação secreta do educador é brincar de ser Deus (esse Deus que pouco tem de “jogo”, no sentido nietzschiano), impondo um ideal próprio em detrimento do desejo do outro.

Num mundo onde o deserto cresce, Zaratustra se sente um nômade em todas as cidades e uma despedida em cada porta:

Fui banido do país dos meus pais [Vaterland] e das minhas mães [Mutterland] (...). Devido a isso, eu simplesmente amo o país dos meus filhos [Kinderland], o não descoberto, no mar remoto: ordeno a minhas velas que o procurem incessantemente. Quero nos meus filhos reparar o fato de eu ser filho de meus pais e, em qualquer futuro – este presente! (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 180).

A utopia deste transvalorador é *presente e futuro reais e exultantes* contra as promessas de um futuro ilusório. O presente é o momento das crianças e das paixões. O *país da cultura* é o mundo em que as crianças são prioridade. Nem *Patria* nem *Matria: Kinderland*. Neologismo, conceito impossível de traduzir num contexto em que a “puerilidade” refere-se a questões “menores” por associação desagradável com o insignificante. Zaratustra proclama, contradizendo a tradição dos patriarcas: “Que importa o país dos pais?” (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 294).

Que a partir de agora a honra não seja o lugar de onde você vem, mas o lugar onde você vá! (...) O país de seus filhos é que você deve amar: seja esse amor a sua nobreza – o país não descoberto, localizado no mar mais remoto! Ordeno a vossas velas que partam uma e outra vez na sua busca! Em seus filhos você deve *reparar* o fato de serem filhos de seus pais: assim deve redimir todo o passado!

Essa nova tábua eu coloco em cima de você! (Ibid. p. 281-282)

Essas declarações de Nietzsche-Zaratustra imunizam contra as manifestações de uma metafísica purgada de matéria. Voltaremos ao específico materialismo nietzschiano depois. Antes, queremos acrescentar que, além do testemunho de um mundo outro, leve e elevado, a criança aparece no grande livro de Nietzsche servindo a outra função: mostrar de modo transparente a deformação do ensino de Zaratustra. No discurso intitulado “A criança do espelho” (Nietzsche, 1883-1885/ 2007, p. 127-130), uma criança se apresenta a Zaratustra em sonhos, e pede-lhe para se olhar no espelho que ela traz em suas mãos. Zaratustra – assim conta seu pesadelo – grita apavorado ao ver que seu reflexo na superfície do espelho é a careta e o riso zombeteiro de um demônio. Ainda perturbado pela experiência enquanto a narra, o profeta do super-homem interpreta o anúncio da criança no sonho dizendo que sua doutrina está sendo distorcida. Assim, deverá se misturar de novo com os que o veneram.

Ao longo do protagonismo reflexivo, explícito e reiterativo da figura da criança em *Zaratustra*, há outra figura associada com a criação que aparece de forma menos óbvia, mas igualmente importante. E talvez já não tenhamos que pensar então a transvaloração associada a uma determinada figura individualizada, mas a uma *relação* particular, seja reprimida ou inovadora. Se a criança é a figura que condensa a força da criação e da inocência, Nietzsche também associa mais de uma vez na mesma obra a experiência criativa (estética) com a maternidade.

Nós tínhamos escrito que os autoproclamados “bons” e “justos”, que estão associados no pensamento nietzschiano ao cristianismo triunfante como religião imperial, odeiam ao quebrantador, que quebra velhas tábuas, que inventa a sua própria virtude. A criação está associada com as crianças no primeiro discurso de *Zaratustra* já analisado, mas está associada, em seguida, também à maternidade:

Vocês, criadores, vocês homens superiores! Quem tem que dar à luz está doente; e quem já deu à luz é impuro.

Perguntem para as mulheres: não se dá à luz por diversão. A dor faz cacarejar a galinhas e poetas.

Vocês criadores, em vocês há muitas coisas impuras. E isso é porque teriam que ser mães (Nietzsche, [1883-1885] 2007, p. 388).

O campo semântico que define as novas “virtudes”, neste trabalho nietzschiano, desconstrói, pelo menos em certos fragmentos, a tentativa frequente de associar, pela inércia patriarcal, força, violência e poder. A maternidade é a *ligação* que se torna a sede das virtudes do transvalorador, já não exclusivamente *viris*, mas onde está iminente uma espécie de horizonte inédito do super-homem. Não é a pessoa-Mãe que quer ao filho para si mesma, mas na ‘*mater-ialidad*’ (inclusive na aleitação, Rozitchner dirá), onde o germe desses valores está presente. Na verdade, quando se trata de quem considerava virtuosos, Zaratustra associa os novos valores à maternidade: “Oh, meus amigos! Que o si mesmo de vocês esteja na ação como a mãe está na criança: e que seja essa a sua palavra sobre a virtude!” (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 146). O significado desta frase é melhor compreendido em relação à outra que lemos mais para frente:

“Radicalmente você ama apenas o seu próprio filho e a sua própria obra; e onde há um grande amor por si mesmo, há sinal de gravidez: isso é o que eu encontrei” (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 230). E embora tenha rejeitado antes a *Matria* e de todo mundo ‘pan-adulto’ em defesa de um país de crianças, a ética do super-homem, em Zaratustra, parece contar, dentro de seus aspectos inevitáveis, com os valores maternos. Esta não é uma questão marginal: Zaratustra termina explicando a ética do texto em torno desse ideal não des-*mater*-ializado da gravidez e do amor materno. A sua não é uma ética da beleza, nem uma ética da felicidade pessoal. Ao apontar para sua “estrela polar” Zaratustra fala como a mãe antes imaginada: “Meu sofrimento e minha compaixão – o que importam? Por acaso eu aspiro à *felicidade*? Aspiro à *minha obra!*” (Nietzsche, 1883-1885/2007, p. 433).

Nietzsche torna complexa assim, como em um parêntese de sua obra, a ênfase mais unilateralmente viril, mais inclinada às virtudes primitivas – por definição, varonis, uma vez que o conceito de “virtude” é derivado da palavra “*vir*”, ou seja, “*varón*”, em espanhol, “homem” – que caracterizarão ao super-homem temerário destas obras, para compor um belo e necessário elogio dos valores maternos, criativos, sensíveis, receptivos, generosos e de proteção do novo<sup>9</sup>. Recupera e dá uma dimensão estética e política à tradição de olhar a criança a partir da perspectiva que a liga com a mãe (*téknon*) e as isola na esfera doméstica. O materialismo nietzschiano, que poderia ser definido, em princípio, como a elaboração consumada da morte de Deus, mostra, em *Assim Falou Zaratustra*, uma consequência menos óbvia e menos reconhecida: o cultivo transvalorador de valores *mater*-iais.

## Conclusão

O materialismo de Nietzsche, que começa com a morte da ideia que argumenta a possibilidade de imaginar uma existência totalmente desengajada da *mater*-ialidade, continua neste tipo de sonho que é Zaratustra, com a reavaliação de um materialismo cheio de sentidos e história, não redutível à mecânica, ou a uma concepção idealista de “matéria”. Freud avançará nesse caminho. A passagem de uma hierarquia patriarcal de valores à lembrança permanente da *mater*-nalidade a que convida Nietzsche ajudaria a quebrar o rígido ideal de uma vida adulta que, sob a forma de qualquer figura de autoridade, reproduz os seus mecanismos de controle e exercício da dominação.

---

9 Não se trata de valores próprios do essencialismo a-histórico, mas de traços distintivos de funções associadas milenariamente às mulheres, presentes em mitos, sonhos e representações primárias em culturas diversas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUSTÍN, S. **Confesiones**. Buenos Aires: Lumen, 1999.
- BATAILLE, G. **Las lágrimas de Eros**. Tradução D. Fernández. 4. ed. Barcelona: Tusquets, 2007.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- DERRIDA, J. **Seminario La bestia y el soberano**. Volumen I (2001-2002). Tradução C. de Peretti; D. Rocha. 1. ed. Buenos Aires: Manantial, 2010.
- DUMÉ, D. **Acerca del vocabulario asociado a la educación**. Inédito. 2015.
- EL LIBRO DEL PUEBLO DE DIOS. LA BIBLIA. 7. ed. Ediciones Paulinas: Madrid, 1992.
- ELÍAS, N. **El proceso de civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas**. México: FCE, 1993 (Original de 1939).
- FOUCAULT, M. La lucha por la castidad. In: ARIÈS, P. et. al. (Org.). **Sexualidades Occidentales**. Barcelona: Paidós, 1987. p. 34-50.
- FREUD, S. La etiología de la histeria. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006 (Original de 1896). Tomo III. p. 185-218.
- \_\_\_\_\_. La interpretación de los sueños. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1991 (Original de 1900). Tomos IV e V. p. 345-612.
- FREUD, S.; ZWEIG, A. **Correspondencia, 1927-1939**. Barcelona: Gedisa, 2000.
- FRIGERIO, G. **La división de las infancias: ensayo sobre la enigmática pulsión antiarcóntica**. Buenos Aires: Del estante, 2008.
- LAPLANCHE, J. **Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: la seducción originaria**. Tradução S. Bleichmar. Buenos Aires: Amorrortu, 2001 (Original de 1987).
- LE GOFF, J. Y.; TRUONG, N. **Una historia del cuerpo en la edad media**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2005.
- MONZÓN, I. **Abuso sexual: violencia de la desmentida**. 2009. Disponible em: <[www.isabelmonzon.com.ar](http://www.isabelmonzon.com.ar)>. Acesso em: 23 jun. 2014.
- NIEMEYER, C. (Org.). **Diccionario Nietzsche**. Conceptos, obras, influencias y lugares. Tradução I. de los Ríos; S. Santana; J. L. Puertas; J. Planells. Madrid: Biblioteca Nueva, 2012.
- NIETZSCHE, F. **El nacimiento de la tragedia**. Tradução A. Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 1994 (Original de 1872).
- \_\_\_\_\_. **Así habló Zaratustra**. Tradução A. Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 2007 (Original de 1883-1885).
- ROZITCHNER, L. **La Cosa y la Cruz**. Cristianismo y Capitalismo (En torno a las confesiones de San Agustín). Buenos Aires: Losada, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Materialismo ensoñado**. Ensayos. Buenos Aires: Tinta Limón, 2011.
- SCHAEFFER, J. M. **El fin de la excepción humana**. Buenos Aires: FCE, 2009.

**Resumo**

Principalmente em *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche focaliza a infância e faz aportes significativos para o desenvolvimento de uma perspectiva que tenha, como objeto de estudo específico, o mundo da infância. Confrontado com a redução da infância (ou de parte dela) à “minoridade de idade”, e com as exigências utilitárias ou ascéticas da moralidade convencional, Nietzsche postula o “país dos filhos” e sonha com uma “segunda inocência”. Ela é equivalente à consumação dos ideais estéticos e éticos do super-homem. Suas contribuições para uma reflexão sobre a infância destacam a violência social específica contra as crianças, e estão intrinsecamente ligadas à redefinição do “materialismo” que concebeu contra a exageração religiosa do pudor e a idealização romântica da infância.

**Palavras-chave:** materialismo, infância, Nietzsche, patriarcado.

**DATA DE RECEBIMENTO:** 27/02/2016

**DATA DE APROVAÇÃO:** 30/04/2016

**Leandro Drivet**

Doutor em Ciências Sociais (Universidad de Buenos Aires) e pesquisador do CONICET. Professor na Faculdade de Ciências da Educação da Universidad Nacional de Entre Ríos (Argentina), onde integra o CIFPE e o CISPO. Publicou recentemente “Freud como leitor de Nietzsche” (Civilizar, Ciências Sociais e Humanas, 2015).

E-mail: [leandrodrivet@yahoo.com.ar](mailto:leandrodrivet@yahoo.com.ar)